

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Odebrecht
Propriedade da União Operária Nacional
— Oficina de Impressão — 22, da Avenida — 2.º
(Pernambuco da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Combro, 33-A, 2.º
End. telogr.: Tallaba — Lisboa e Telefuner: 1

A BATAVIA

DIÁRIO DA MANHÃ — FOLHA VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AS LEIS SÃO PEDAÇOS DE PAPEL

NOTAS & COMENTÁRIOS

A ditadura do proletariado

Face a face

O tribunal de acidentes de trabalho, do Porto encontra-se há dois anos sem funcionar!

A revolução social caminha. A revolução aproxima-se. Integrando-nos no mundo, podemos bem dizer que estamos já vivendo num período de revolução social. Esta ditadura do mundo novo nasce, lançam-se os alicerces de uma nova sociedade; ergue-se em frente da organização capitalista uma outra que, sobre esses novos alicerces, se destina a substituí-la em breve. E a substituí-la com vantagem para a realização do bem comum.

Encontram-se, já hoje, face a face essas duas organizações. E não podem coexistir por muito tempo. Uma exclui a outra. Quando a que vem agora estiver madura, a outra terá apodrecido de todo. E esta está quase assim. Quando a nova máquina estiver montada — e cada dia que passa lhe acrescenta uma nova peça — a máquina capitalista terá emperrado de vez, estará já gasta, inutilizada, pronta a ser posta de banda.

E ninguém poderá deixar de constatar que o industrialismo capitalista e todas as suas engrenagens são quasi — ferro-velho. E a máquina capitalista ajuda cada um, na medida do possível, a fazer essa montagem, e a fazê-la bem. E o que é conveniente. E o que urge conseguir. Não perçamos pois o tempo, nem desperdiçemos as nossas energias por caminhos que a isto não conduzam nem em trabalhos inúteis ou contraproducentes.

Que venham arquitectos, que venham engenheiros, que venham agrónomos, que venham professores! E médicos e homens de ciência, escritores e artistas.

E porque não há de vir? Porque não há de os arquitectos andar assim separados dos pedreiros, dos carpinteiros, dos caidadores e de tantos outros da construção civil — se o seu esforço é convergente, se são colaboradores da mesma obra, se fazem parte de correlativas profissões? Que pode dividir os ou distanciar os se tudo os deve juntar e aproximar?

Porque não há de andar por estradas diversas, desconhecidas, como estranhos, os engenheiros e os ferro-velhos, e os mineiros e os metalúrgicos e os electricistas? Porque motivo não há de os engenheiros entender-se com esses e outros seus companheiros de trabalho? Porque não há de existir entre os engenheiros e todos estes outros trabalhadores uma estreita afinidade, uma íntima camaradagem, uma forte solidariedade — se tanta vez é comum o seu esforço?

Se o rural amanha a terra, que quasi nunca possui, se a trata com carinho, se a cultiva com tenacidade, se a humedece com as bagas do seu suor, se vive a ela unido, seu servo, sob os raios ardentíssimos do sol do estio ou sob as inclemências do inverno; e se o agrónomo estuda os terrenos, se se habituia a conhecer a sua composição e as suas qualidades, se escolhe as melhores sementes, se aprende os melhores processos de cultura e faz tentativas, inovações e aperfeiçoamentos, se tudo isto é assim — porque estranho absurdo não é de eles viver (eles que quasi sempre não possuem a terra) afastados uns dos outros, desassociados, como se não fora complementar a sua tarefa e não devesse ser a mesma a sua aspiração?

Que venham os médicos! E porque não há de eles vir? Porque? Porque razão é que os médicos e enfermeiros não há de olhar-se como irmãos, eles que são cooperadores de uma mesma acção, que é das mais nobres, das mais sublimes mesmo em certos casos, quando essas profissões sejam exercidas com consciência, com abnegação, com heroicidade?

Porque não há de vir os professores, os homens de ciência, os juristas, os literatos, os músicos, os pintores, os escultores, etc.?

A revolução social caminha. A revolução aproxima-se. Um mundo novo nasce. Encontram-se, já hoje, face a face, as duas organizações: a do industrialismo capitalista e a que procura substituí-la. E não podem coexistir por muito tempo. Uma exclui a outra.

Perante o futuro próximo, outra coisa não há a fazer que não seja isto: prepararmos-nos todos. Que cada um tome o seu posto! Que cada um exerça a sua acção! Que cada um ajude, na medida do possível, a fazer a montagem da máquina e a fazê-la bem!

E o que é inteligente não é ficar à espera que a revolução os vá buscar à força e os coloque no seu lugar. O que é inteligente, por parte dos profissionais das chamadas profissões liberais, é precisamente ajudar à montagem da máquina, integrando-se voluntariamente no grande todo sindicalista, organizado do Trabalho, e preparando-se para uma decidida cooperação na formidável obra de reconstrução social.

Fortes influências, das instituições seguras, principalmente das mutualidades patronais, tem obtido, de todos os ministros que pela pasta do trabalho tem passado, que o Tribunal de Accidentes de Trabalho do Porto esteja há já dois anos sem funcionar.

Este facto mostra, como tantos outros, o valor nulo das leis sociais. Fazem-se e não se cumprem, ou quando se cumprem não é pelo respeito ou força emanada da lei mas pela imposição dos interessados.

Do escândalo que representa o encerramento, há dois anos, desse tribunal do Porto deve ter conhecimento o actual ministro do trabalho, a não ser que tenham sonegado as comunicações que lhe tem sido enviadas. E se por ventura o desconhece, passará de hoje em diante a conhecer-lo pela comunicação que o nosso camarada portuense Felix Pimenta, operário electricista, nos enviou a tal respeito, como delegado da pauta operária do citado tribunal.

Eis o que os camaradas da pauta operária do Tribunal de Accidentes de Trabalho, do Porto, nos comunicam:

Para que o tribunal funcione basta que pelo ministro seja nomeada a pauta médica indicada pelo presidente

Há precisamente dois anos que está sem função o Tribunal de Desastres no Trabalho do Porto e, não obstante as instantes reclamações formuladas pelo operariado organizado desta cidade, nunca appareceu um ministro na pasta do trabalho — reaccionário, conservador ou democrático — com energia e independência bastante para pôr termo a essa odiosa patifaria que tal inatividade representa!

Nem o ministro actual, apesar de ser socialista e saber da existência do tremendo escândalo que dura há já dois anos parece disposto a acabar com elle, para o que lhe basta lavrar um simples despacho concebido nos seguintes termos:

Nomeie-se a pauta médica indicada pelo presidente do Tribunal de Desastres no Trabalho do Porto.

Quando falecem o dr. Estevam de Vasconcelos, autor da Lei de Desastres no Trabalho e sentinella vigilante da sua permanente execução — que não deixava por pé em ramo verde as instituições seguras que repetidamente procuravam entralva e inutilizar — o presidente do Tribunal do Porto, membro da pauta patronal e... gerente principal de uma importante Mutualidade de Seguros (1), na mesma sessão em que, sob proposta da pauta operária, foi aprovado um voto de sentimento pela morte do autor da lei, deu parte de doente e, sem nomear quem devia substituí-lo, certo da impunidade que a morte do dr. Estevam lhe proporcionava — tão inesperadamente, encorrou o Tribunal e suspendeu o seu funcionamento sob o pretexto de estar para publicar-se brevemente um novo regulamento de execução e não valer a pena continuar-se com trabalhos.

Dezenas de reclamações de sinistrados aguardam julgamento

Só passado mais de um ano e que o novo regulamento veio no Diário do Governo, não funcionando entretanto o Tribunal, nem se procedendo então a sua reabertura porque algumas das novas disposições eram tão faltas de senso que bem demonstravam o propósito de crear embargos.

Assim, tendo a classe médica só uma associação, não podendo essa associação nomear mais de um delegado e tendo esse delegado justos escrúpulos de confectionar uma lista para... eleger oito colegas, recusou-se a fazer elo só tal... eleição, retirou-se e o Tribunal continuou sem função por falta da pauta médica.

Mas a pauta operária resolveu reme-

impetuosamente e invencível a marcha dos acontecimentos, irreprimível e deslumbrante a aspiração de justiça social, de bondade e de beleza, que em si traz esse movimento libertador e reconstitutivo.

Sobral de Campos

Nem indemnizações nem anexações

Mas a Alemanha pagará tudo o que puder pagar — diz Bonar Law

LONDRES, 3. — Na câmara dos comuns, respondendo a uma pergunta que lhe foi feita a respeito das indemnizações, o sr. Bonar Law disse: O nosso fim é obter tudo quanto a Alemanha puder pagar. Não posso dissentir a manciara como será repartida a importância que recuperarmos, mas creio evidente

diar este inconveniente, estendeu a forma de o conseguir e não tardou a pôr em prática as suas deliberações. Sabendo que o novo regulamento autorisa o ministro a nomear, sem mais forma de processo, quaisquer pautas, cujas elições abandonassem a respectiva eleição, mas recendo que nenhum político iria preocupar-se com semelhante ninharia, procurou diversos médicos, apelou para os sentimentos humanitários que revestem a sua nobre profissão e, em poucos dias, conseguiu obter os nomes de oito clínicos que, com a melhor boa vontade, aceitavam a sua nomeação oficial para constituírem a pauta médica, evitando-se ao ministro o desagradável trabalho de ir violentar outros que não tinham vontade de servir taes cargos.

A relação dos médicos foi entregue ao presidente do Tribunal — que é agora um bacharel em direito de nomeação do Governo — o qual imediatamente a enviou ao ministro do trabalho onde nenhum caso se fez de tão insignificante coisa; e todas vezes que o presidente insiste pela nomeação dos médicos, para o Tribunal poder funcionar, a resposta invariável que recebe é esta: — a pauta médica será oportunamente nomeada.

E assim continua sem funcionar o Tribunal, onde apenas se recebem reclamações, havendo dezenas delas importantes, cujo julgamento é inadivél para evitar a cruentissima miséria, e talvez a morte, de muitos reclamantes abandonados cruelmente.

As associações de mutualidade lucrando com o não funcionamento do Tribunal

E' pavoroso o número de desgraçados operários, inválidos e mutilados, que vivem da caridade pública num deshumano abandono por parte das instituições seguras que esperam a resolução do Tribunal para cumprir as disposições da lei, dadas as dúvidas que alimentam!

Há mutualidades que teriam já falido se o Tribunal não fosse tão providencialmente encerrado por ocasião da morte do autor da lei.

Hoje tem os cofres recheados, os gerentes ricos e os filiados a arrotar de furtura! Dois anos de repouso, sem tribunaes que lhes peçam contas nos desastres mais importantes, nos que produzem a morte ou a incapacidade para o trabalho, e os seus associados a pedir esmola, enquanto um ministro de pulso não abrir o Tribunal que lhes fará pagar caro tam criminosas extorsões, considerando os litigantes de má fé.

Diz-se que o ministro do trabalho pensa em reformar a lei ou em substituí-la por outra de mais largo alcance social.

É muito louvável tal procedimento, mas é altamente censurável que consista, entretanto, a existência de instituições seguras sem tribunais que as julguem de pronto, quando elas para elles relegam as vítimas das grandes desgraças, limitando-se a tratar e a indemnizar as vítimas de ligeiros accidentes. De resto, todos sabem como são efémeras as promessas dos políticos e, quando sejam sinceros, o tempo que levam a cumprir, se a instabilidade dos governos os não inutiliza.

Não esteve ainda há pouco para sair do governo o actual ministro do trabalho? Onde ficavam as reformas sociais que elle tem prometido se tal se desse?

E' monstruoso consentir que se prolongue por mais tempo o encerramento do Tribunal do Porto.

O ministro actual, socialista como é, deve ter em vista o seguinte: — antes da lei as vítimas do trabalho ainda recebiam esmolas dos patrões gratos ou roídos de remorsos, agora expulsas das fabricas e oficinas os operários sinistrados, indicando-lhes as instituições seguras que os não atendem ou o Tribunal que não funciona.

os representantes britânicos sendo equitativos para com os sofrimentos maiores de certos aliados, não devem deixar de ser justos para com o império britânico a respeito da repartição do dinheiro. A respeito da importância das indemnizações, a comissão do inquérito interallado ainda, ontem não tinha mandado as suas conclusões para a mesa.

O sr. Bonar Law acordou em seguir a questão da importância que a Alemanha pode pagar, enumerar as dificuldades que existem entre a imposição e a obtenção do dinheiro e diz que os peritos estudam todas as formas de levar a Alemanha a pagar. Concluindo, o sr. Bonar Law disse que, não esperando que a Alemanha possa pagar a totalidade do custo da guerra, conta que ella esteja habilitada a pagar uma importância sensível.

Fazer uma propaganda activa em favor do nosso jornal é o dever de todo o operariado.

Carne

Sobre carissima, escassa tem andado a carne de vaca, como se sabe. Encontrar um bife à venda é quasi tão difficil como arranjar o dinheiro para comprá-lo. Mas o certo é que a pouca carne que aí apparece à porta dos talhoes é gulosamente disputada pela população. Pois num talho da rua da Escola Politécnica ostenta-se uma vistosa peça de carne, de fazer arregalar o olho a todos quantos não seguirem os sábios preceitos naturistas. Saltam no estabelecimento os compradores para se abastecerem. E vai o homem do talho e diz que tem mas que não vende. A carne que lá conserva — explica — é exclusiva destinada ao consumo da colónia israelita. As almas cristãs passam a cheirar. Não sabemos a que attribuir tão estranha preferência, mas o facto é que para anulá-la não descobrimos remédio. A menos que todos nos fizéssemos judeus, prostrados ante Allah, renegando as velhas crenças. Tributo um tanto pesado, vamos lá com Deus, este de ter a gente, para obter um naco de carne, que apresentar outro à lanceta circuncisora que o velho rito manda aplicar aos neófitos...

Intendados protestos

Lembram-se vocês de ter apparecido nos jornais, aqui há semanas, um assombroso telegrama onde se referia a socialização das mulheres levada a effecto pelos bolchevistas russos. Uma curiosa patranha, de tão transparente cunho apatrnado que só os tolos ou os mal lévolos puderam aceitá-la por boa. Tive o caso originar um gracejo do jornal que Máximo Gorki dirige, o qual, sendo de inicio contrario ao que chamava exágero de socializações, lembrava ao governo, em ar de facécia, a socialização das mulheres, e inseria um fantástico decreto sobre o assunto. Um jornal inglês toma o caso a sério e estampa a noticia como verdadeira. Mais tarde percebe o erro, rectifica, mas nem por isso a balela deixou de correr mundo, sotoposta na imprensa burguesa, a titulos furibundos. Foi assim. Mas o interessante é que as feministas se alarmaram medonhamente com a nova, tendo o deputado socialista inglês Mac-Donnald recebido um sem-número de protestos das sufragistas de maior vulto, Madame Siegfried entre ellas. Esclareça-se que o fantástico decreto do jornal de Gorki seria socializado apenas as damas cuja idade estivesse entre os 18 e os 25 annos, na fase mais prestável, portanto. E ajunte-se que as indignadas sufragistas dos protestos, não sendo já de si, mesmo naquella fase, desmazeladamente cubiceáveis, excedem em muito a idade recrutável. Socialização das sufragistas, não lembra ao diabo. Ou teriam ellas confundido com socialização de canhões?

Pudicofolia governamental

Já vai começando a fazer-se luz sobre a transference do monumento a Eça de Queiroz do largo Barão de Quintela, transference que o conhecido milionário sr. Carvalho Monteiro em tempos se prontificara a pagar pelo melhor de seis contos de réis. A ponta do véu levantou-se um vereador na última sessão da comissão administrativa do município. E em virtude disso se fica sabendo que a transference da Verdade se resolveu em satisfação a um pedido do sr. José Relvas, embora com discordância da vereação que achava optimo o local onde a estatua se tem mantido. Discordou a digna vereação da mudança mas foi tratado de resolvê-la, por deferencia para com o ultimo presidente do ministério, que agora se nos revela affito por um excesso de pudor que ninguém suporia nele. Pudor ou antes pelo contrario. E os impagáveis vereadores, a quem cumpria zelar pelo embelezamento da capital já de se curvarem subservientes ante as pretensões absurdas do sr. José Relvas, que assim se antepõe aos nossos preciosissimos edis — sem recio de que estes lhe pastem o apellido.

La Vie Ouvrière.

Vai reaparecer, em 15 do corrente, esta interessantissima publicação sindicalista, mas desta vez em forma de semanário de combate. Assim nos diz uma circular, assinada por Monatte, Rosmer, Martinet e Hasfeld.

O passado de La Vie Ouvrière e o nome dos seus redactores são já a revelação do seu programa. Ela vem combater os lamentáveis effeitos da guerra sobre o sindicalismo francês, no qual o millerandismo, outrora triunfante, repellido, acabou por ganhar pé, a coberto da reacção predominante. La Vie Ouvrière propõe-se defender o sindicalismo, palavra e conteúdo. Pretende contribuir para o trabalho de reorganização, de reajustamento dos organismos operários, de revisão e endireitamento das ideias, de saneamento da opinião pública envenenada. «Estudo, propaganda, trabalho constructivo, devem caminhar a par da vassourada na Casa do Povo e em todo o país».

Editora do semanário será a Cooperativa «La Librairie du Travail», que dará também um suplemento quinzenal. As acções da cooperativa são de 25 francos. Assinatura do semanário, com o suplemento quinzenal: 6 francos por semestre, 12 por ano.

Assina-se nesta redacção.

Quando soar a hora de se entenderem aqueles que compõem a minoria revolucionária? É uma interrogação que frequentemente surge no meu pensamento, e que encontra sempre como resposta esta outra: será isso possível?

A divisão que existe, triste e confusíssima, e que muito embaraça o nosso movimento social, não seria para temer se ella revestisse o aspecto de simples nuances, desempenhando cada uma o seu papel, completando-se na grande obra de remodelação social, sem contêndem entre si, alenando-se de mais ou menos retrogrados, sem se ferirem, atingindo-se mutuamente com os golpes que deveriam cair sobre o inimigo comum.

Muitos camaradas, cheios de sinceridade, desejam com ardor a implantação rápida do ideal anarquista, sem repararem nas condições de ignorância em que se encontra a grande massa popular, que difficulta a marcha das ideias de emancipação; mas elles pensam conseguir tudo a golpes de audácia. Para elles a revolução terá o poder miraculoso de tudo transformar, tornando os individuos, dum momento para o outro, aptos para viverem numa sociedade livre e perfeita.

Outros camaradas, não menos sinceros, compreendendo o atraso das multidões e vendo o advento do grande dia ainda mui longinquo, entendem que só a golpes de sciência se abrirá o caminho para a redenção humana, sem notarem que essa acção só atinge, e imperfeitamente, uma minoria restrita, que, cangada de esperar pela grande massa do povo indifferente, ou se resigna a ser o eterno bode espiatório, sofrendo as perseguições das classes preponderantes, ou então, pondo de parte o absolutismo das doutrinas defendidas, lança-se num movimento revolucionário, apodera-se do poder para encaminhar a evolução pelo verdadeiro trilho da emancipação integral do género humano; e parece-me que é um pouco disto o que se está executando, melhor ou pior, em alguns países da Europa.

E' vulgarissimo dizer-se que da «discussão nasce a luz», mas nem sempre assim succede, muitas vezes só resulta uma confusão ainda maior, e não poucas, a desordem; não raras vezes começa-se por discutir uma ideia e acaba-se por dissentir as intenções reciprocas, perdendo-se em minúsculas questões de palavras, que tudo embrulham e obscurecem, quando não originam o veneno perido das questões de pessoas e de competências. E' preciso que isto acabe.

No fundo, parece-me que a divisão existente, pelo menos o seu caracter irreductivel, é mais uma questão de palavras do que outra coisa, e sendo assim, seria bom que tudo se esclarecesse.

Seria, porém, necessário que se tratasse o problema com sinceridade, sem intenções reservadas, sem intuitos tolos de prevalecimento; seria preciso que se disettesse, embora acaloradamente, mas não vendo no adversário um traidor, um vendido, e seremos nós, que nos sentimos todos aptos para viver numa «sociedade sem leis, sem policia, capazes de discutirmos sem aggressões, sem picuinhas? Será isso possível?

Em Maio de 1917 escrevi, para o *Germinal*, um artigo que não foi publicado, em que se defendia a necessidade da minoria revolucionária tomar posse da direcção da sociedade, ainda que para isso tivesse de pôr de parte o absoluto das nossas theorias, sacrificando muitas das afirmações feitas, estabelecendo a república municipalista, baseada na organização profissional da produção e na organização comunista do consumo; fórmula politico-economica e federalista em que cada povoaçãoitaria livremente dos seus interesses, sem outra subordinação que não fosse o respeito à autonomia e aos interesses das outras populações.

Tratava-se de agitar uma ideia que a discussão, uma vez que fosse lealmente travada, teria, sem dúvida, aclarado e aperfeiçoado.

Mas o artigo não se publicou, e mees depois surgiu na Rússia a proclamação da república dos soviets, e a consequente conquista do poder pela minoria revolucionária, o que para mim foi motivo de dupla satisfação e tornou mais firme a convicção de que não eram errôneos os fins a que visava o meu artigo, — a necessidade da minoria revolucionária se preparar para tomar posse da direcção da sociedade, em bases que, embora não fossem as idealizadas, fossem, contudo, economicas e socialmente muito superiores a aquellas em que se firmava a sociedade capitalista.

Necessariamente a revolução na Rússia deu origem a uma série de violências, mais ou menos exageradas pelos nossos adversários, mas que eram fatais dadas as condições em que se encontrava a sociedade, e por muito que essas violências nos repugnem, não se podem culpar delias a revolução nem os revolucionários, mas sim a sociedade capitalista que conduziu o povo a uma situação intolerável, de que só por um esforço supremo se poderia libertar. A burguesia russa, colheu o resultado das suas infâmias, praticadas através dos séculos, e estão em crer que a colheita não corresponderá à vasta sementeira que recolheu, antes ficou muito aquém.

Muita coisa se tem dito a propósito do aspecto violento e ditatorialmente

revolucionário que tem mantido a revolução russa, sem contudo se chegar a outra conclusão que não seja a defesa a todo o custo, ou a condução decidida do que se convencionou chamar a ditadura do proletariado.

Sobre o que seja essa ditadura, qual a forma que ella reveste, nada se diz, naturalmente por não se saber com precisão o que ella seja.

Se sob o nome de ditadura do proletariado se mascara a ditadura dum grupo, é, sem dúvida, condenável como qualquer outra ditadura politica e burguesa, mas se ella representa simplesmente a direcção da sociedade, mais ou menos sindicalmente organizada, posta nas mãos do proletariado, dos que tudo produzem, essa é a conclusão logica da revolução; as classes parasitarias ou se adaptam às novas condições sociais, ou então emigram, deixando o campo livre ao progresso, das ideias redentoras; se resistem passiva ou violentamente, não devem esperar ser tratadas com filosofia degra, nunca se responde com uma amabilidade de um insulto dum canalha, nunca se retribui com um beijo às aggressões dum saltador.

Os camaradas que de nenhuma forma aceitam a posse da direcção da sociedade pela minoria revolucionária, nas condições permitidas pela civilização actual, estão collocados no verdadeiro campo da filosofia anarquista, e elles são, no fundo, os mais puros maximalistas de facto, mantem integras as afirmações feitas, para elles as condições sociais e excepcionais do momento historico que atravessamos, não devem ser aproveitadas no sentido da conquista do poder pelo proletariado organizado, porque isso representa uma negação de principio, simplesmente, elles são mais filosoficos que revolucionários, mais por esse facto não há motivo para insultá-los, para lançá-los à margem, antes elles tem o seu papel a desempenhar, levam o facho que nos há de illuminar o caminho, evitando nos possíveis desvios ou hesitações na marcha para o futuro, em busca dum ideal inacessivel de perfeição e de liberdade que anima as nossas communs e sublimes aspirações.

E se todos queremos realmente entendermo-nos, recorrer effezamente para a aproximação de uma era de maior felicidade, conquistando uma valiosa soma de liberdades politicas e economicas, se queremos lançar a primeira pedra do grandioso edificio do futuro, proporem-nos decididamente para a revolução que redemoinha na atmosfera social, e, sobretudo, preparemo-nos para o resultado dessa revolução, a nova constituição da sociedade.

A revolução aproxima-se, e se nos prepararmos bem, se não nos deixarmos surpreender por ella, os perigos da fatal ditadura revolucionaria serão muito attenuados, e a rapidez dos seus effeitos fará desaparecer as razões da sua existência.

Todas as classes que desempenham uma função mais ou menos útil na sociedade, desde o servente do pedreiro ao engenheiro, desde o cavador de estrada ao professor e ao médico, são chamados a integrar-se na organização sindical, base da futura constituição da sociedade; se algumas classes por uma questão de orgulho estúpido ou de interesses egoistas, vivendo próximo das oligarquias dominadoras, teimarem em não tomar parte no novo pacto social, pretendendo manter a sua situação privilegiada, não terão que queixar-se da ditadura do proletariado, pois que se recusam a compartilhar da direcção da sociedade e procuram criar difficuldades à marcha da vida social.

As classes que não são propriamente operarias, devem começar a preocupar-se com a revolução que se avizinha, dispondo-se a cooperar na transformação social que dia a dia se opera: ou se tomasse lugar entre os elementos constitutivos da nova sociedade, ou entre os que representam o parasitismo condenado a desaparecer.

A revolução será tanto menos sangrenta quanto mais facil for a adaptação dos individuos e das classes à nova ordem de coisas, em que ninguém ficará sujeito às condições precárias em que vive a maioria do povo, na sociedade actual, que rapidamente agoniza, e que só por inépcia nossa poderá manter-se por muito tempo, assim meio moribunda, corrompendo a atmosfera revolucionaria.

A ditadura do proletariado não será tão perigosa, como parece, se a revolução que ruga já nas entranhas do velho mundo, for devidamente orientada, tendente a evitar a criação de oligarquias dominadoras; e não será abandonando a luta que isso se conseguirá.

E' preciso aceitar a fatalidade historica que faz colocar nas mãos da minoria revolucionaria, a direcção da sociedade, que o capitalismo avaro e perverso conduziu a uma tremenda catástrofe, unica na historia dos povos; é preciso que elle morra afogado no oceano de sangue que fez correr, se queremos que essa hecatombe maldita não seja repetida.

A. Machado

O ARMISTICIO

PARIS, 5. — Dizem de Spa que o general Foch chegou ás 8,30 conferenciando com Erzberger, durante 40 minutos. Erzberger quando saiu parecia muito comovido. — H.

